

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

VALMIR PAULINO DA SILVA

Pedagogia transviada:

questões de gênero e sexualidade através do fazer artístico em sala de aula

SÃO PAULO - SP
2021

VALMIR PAULINO DA SILVA

Pedagogia transviada:

questões de gênero e sexualidade através do fazer artístico em sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de São Paulo como exigência parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Maria Lúcia de Souza Barros
Pupo

SÃO PAULO - SP
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Silva, Valmir Paulino da
Pedagogia transviada: questões de gênero e sexualidade
através do fazer artístico em sala de aula / Valmir
Paulino da Silva; orientadora, Maria Lúcia de Souza
Barros Pupo Souza Barros Pupo. - São Paulo, 2021.
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Artes Cênicas / Escola de Comunicações e
Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Arte-educação. 2. Gênero. 3. Sexualidade. I. Souza
Barros Pupo, Maria Lúcia de Souza Barros Pupo. II.
Título.

CDD 21.ed. -
700.7

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado -

CRB-8/6194

Para todas as crianças e jovens que transviaram os padrões normativos de gênero e de sexualidade.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai, que infelizmente não conseguiram terminar o Ensino Fundamental I, mas sempre apoiaram meus estudos.

À minha irmã, por ser cúmplice das minhas ideias desde a infância.

À Lux Machado, pela companhia sempre presente nesta pesquisa compartilhada.

À Adriana Oliveira, por apresentar-me o Programa Gênero e Sexualidade e orientar-me em diversos momentos de estágio na EAFEUSP.

À equipe do Programa Gênero e Sexualidade, Adriana Oliveira, Kelly Sabino, José Carlos Carreiro, Milena Bushatsky, Sahsha Delatorre, Priscila Gonçalves, Matheus Martinez e Nathalia Barreto.

À Malu Pupo e à turma da matéria Projetos Teatrais II, pelas trocas de saberes durante as quintas de manhã.

À Coletive Avertere, formada por Alexys, Armr'Ore, Bel, Krou e Lai, pelas pesquisas sobre gênero e sexualidade e por dançarmos juntos.

Ao grupo BOTAH, formado por Diego, Ícaro, Felipe, Isabele, Júlia, Larissa, Lux, Maciel, Marcella e Talisha, pela amizade, pelas conversas e pelos rolês.

Às Sereias, formada por Caio, Diego, Felipe e Guiga, pela amizade, pelas conversas e pelos nossos almoços e jantares.

“A irreverência e a disposição antinormalizadora da teoria queer me incitam a jogar com suas ideias, sugestões, enunciados e a testá-los no campo (usualmente normalizador) da educação. Quero apostar em suas articulações, pôr em movimento o subversivo, arriscar o impensável, fazer balançar estabilidades e certezas – processos geralmente estranhos ou incômodos aos currículos, às práticas e às teorias pedagógicas. Não tenho qualquer garantia de conseguir sucesso nesses movimentos, mas quero ensaiá-los.”

Guacira Lopes Louro

RESUMO

Este projeto debruça-se na investigação de fomentar o debate das temáticas pautadas pelas relações de gênero e sexualidade através da arte-educação dentro da escola. O desenvolvimento da investigação foi viabilizado através do processo colaborativo entre educadores(as), estagiários(as) e bolsistas que compõem o Programa Gênero e Sexualidade da Escola de Aplicação da FEUSP e aconteceu através do ensino remoto, seguindo todas as recomendações de segurança da OMS contra a COVID-19.

Palavras-chave: Arte-educação. Gênero. Sexualidade.

SUMÁRIO

SAINDO DOS ARMÁRIOS DA ESCOLA

1. A ARTE DE TRANSVIAR PARA ENCONTRAR NOVOS CAMINHOS

1.1 Encontros e reencontros

1.2 Os primeiros passos no ciberespaço

1.3 Calculando uma rota artística para trilhar o amanhã

2. FLUXOS DE GÊNERO: IDENTIDADE, FICÇÃO E SUBVERSÃO

2.1 É cor de rosa ou azul? Violeta, meu amor!

2.2 O espectro de gênero na sala de aula

2.3 Violências de gênero nos espaços escolares

3. FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE: RELAÇÃO, PRÁTICA E DESEJO

3.1 Monoafetividades e Monossexualidades: “só posso pegar um?”

3.2 Poliafetividades e Polisssexualidades: “então, posso pegar dois?”

3.3 Algum lugar além do arco-íris ou a escola como lugar de combate ao preconceito

4. A JORNADA DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE NAS ESCOLAS

4.1 A IV Jornada de Gênero e Sexualidade na EAFEUSP

4.2 Políticas públicas para transviar o currículo escolar

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A TRAVESSIA CONTINUA

BIBLIOGRAFIA

SAINDO DOS ARMÁRIOS DA ESCOLA

“Para construir a materialidade dos corpos e , assim, garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Essas normas, como quaisquer outras, são invenções sociais. Sendo assim, como acontece com quaisquer outras normas, alguns sujeitos as repetem e reafirmam e outros delas buscam escapar.”

Guacira Lopes Louro¹

Este projeto surge como forma de encontrar atalhos para fugir da via normatizadora sobre as noções de gênero e de sexualidade. Busca encontrar acessos para novos pontos de chegada e estabelecer um lugar fora das caixinhas dos pontos de partida. Ensaia por intermédio da arte reduzir os danos ocasionados às subjetividades de crianças e jovens. É um pedido de socorro vindo de dentro dos armários dos lares e escolas. É o reencontro entre a escola pública e um indivíduo que foi identificado como pessoa LGBTI+ dentro dela. É tecido entre glitter e arco-íris, mas soa como revolta. Aborda a calamidade pública e a sua razão de existência é a urgência.

Em outras palavras, é importante elucidar que a presente pesquisa dedica-se aos diversos caminhos pedagógicos ligados ao debate das pautas de gênero e sexualidade na escola, tendo o enfoque artístico como eixo norteador dos processos educativos exercidos em sala de aula. O desenvolvimento da investigação foi viabilizado através do processo colaborativo com o Programa Gênero e Sexualidade da Escola de Aplicação da FEUSP por meio do ensino remoto, seguindo todas as recomendações de segurança da OMS contra a COVID-19.

Durante a história da humanidade, um fator crucial que perseguiu inúmeras sexualidades dissidentes em vários Estados e que alimentou as tentativas de normatizar determinados corpos em detrimento de outros foi a oposição entre natureza e cultura (NAPHY, 2006, p. 11-13). O argumento do ser “normal” por natureza contra o argumento de ser “corrompido” pela cultura ou o argumento de ser

¹ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 89.

“doente” por natureza contra o argumento de ter o “corpo educado” pela cultura levou milhões de pessoas ao extermínio em massa.

A luta para tornar-se sujeito de si é uma luta constante na vida das identidades, corpos e sexualidades dissidentes, pessoas que foram categorizadas como objetos e passíveis de descarte nas disputas de poder, tornando-se assim abjetas para múltiplas sociedades². O que acontecia com as mulheres que mantinham relações sexuais com outras mulheres durante a Inquisição?³O que acontecia com homens escravizados que mantinham relações sexuais com outros homens?⁴O que acontecia com as travestis nas rondas policiais durante a ditadura militar?⁵Não aprendi isso nas minhas aulas de história do Ensino Fundamental II nem no Ensino Médio da escola pública em que estudei, mas acredito que deveria ter aprendido.

A educação sexual nas escolas é um tabu que percorre o século XX na educação brasileira e chega até nosso século com questões ainda controversas. Falar sobre gênero e sexualidade diante de uma classe com trinta alunos ainda soa como algo apavorante para muitos docentes.

Guacira Lopes Louro, reflete sobre sua prática como educadora ao lançar o olhar sobre a escola e se questiona se está reificando padrões de poder e, conseqüentemente, perpetuando diferenças dentro dos espaços de ensino. Após esse exercício, ela se pergunta sobre quais seriam os possíveis caminhos para que isso não ocorra (LOURO, 2004, p. 57). O exercício que Guacira realiza durante sua prática pedagógica é fundamental para refletirmos sobre as abordagens das pautas de gênero e de sexualidade dentro da sala de aula.

As linguagens artísticas que compõem a Arte-educação podem contribuir com a quebra do preconceito no espaço escolar? Como a Arte-educação pode ressignificar estereótipos de identidades de gênero e orientações sexuais que percorrem o imaginário social brasileiro? Como abordar diferentes temáticas pautadas pelas relações de gênero e sexualidade através de diferentes linguagens

² Ver BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. 4ª ed, rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018 p.132-138.

⁴ Ibid., p. 122-126.

⁵ Ibid., p. 605-610.

artísticas? Essas são algumas perguntas que norteiam esta pesquisa, que foi tecida mediante planejamento de ações pedagógicas, execução dessas ações, análises das práticas, ampliação das estratégias usadas e avaliação do processo.

No primeiro capítulo será apresentado o início da trajetória da pesquisa e sua ligação com o Programa de Gênero e Sexualidade da Escola de Aplicação da FEUSP. A origem do “Encontro LGBTQIAP+”, espaço de apoio pertencente ao Programa Gênero e Sexualidade, será apresentada, assim como as pessoas envolvidas no processo da criação do cronograma de trabalho e as temáticas escolhidas nas atividades semanais.

No segundo capítulo serão abordados os métodos e os materiais escolhidos para abordar o primeiro e o segundo blocos do cronograma de trabalho do Encontro LGBTQIAP+ sobre questões ligadas às identidades de gênero.

No terceiro capítulo serão abordados os métodos e os materiais escolhidos para abordar o terceiro bloco do cronograma de trabalho do Encontro LGBTQIAP+ sobre questões ligadas às relações afetivo-sexuais e suas estruturas.

No quarto capítulo será abordado o evento “IV Jornada de Gênero e Sexualidade”, evento realizado pela EAFEUSP para convidar pessoas que pesquisam questões de e de sexualidade em diferentes áreas de ação.

É importante destacar que este trabalho é realizado com a ajuda de muitas mãos que sustentam o Programa Gênero e Sexualidade da EAFEUSP, sendo assim, em muitas partes do texto, é escrito no plural.

1. A ARTE DE TRANSVIAR PARA ENCONTRAR NOVOS CAMINHOS

“Importa-me o movimento e também os encontros, as misturas,
os desencontros.”

Guacira Lopes Louro⁶

1.1 Encontros e reencontros

As pautas ligadas às identidades de gênero e à sexualidade sempre estiveram presentes nas pesquisas desenvolvidas durante minha trajetória acadêmica. Desde 2016, ano do meu ingresso no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (CAC-USP), as questões de gênero e sexualidade atravessam trabalhos acadêmicos, peças teatrais, debates em sala de aula, estágios obrigatórios, conversas entre turma, manifestações de rua, performances, obras de dança, coletivos, entre outros componentes do percurso pela academia.

Neste final de ciclo, as temáticas que integram as pautas relacionadas às identidades de gênero e à sexualidade percorrem este texto por meio de uma pesquisa elaborada através dos campos da arte e da educação. O lugar que forneceu o berço para o início e o crescimento desta pesquisa é a Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (EAFEUSP).

Passei doze anos da minha vida na escola pública, de 1999 até 2010. Saí da escola dizendo que não retornaria mais. Porém, retornei à escola pública em 2018, quando as matérias da licenciatura e os estágios obrigatórios começaram a tomar conta dos meus dias. A Escola de Aplicação da FEUSP é responsável por mudar minha perspectiva perante as questões de gênero e de sexualidade sendo trabalhadas em sala de aula, perspectiva escassa durante meus anos escolares. Esta escrita marca o encerramento de minha dupla formação: a formação em Artes Cênicas e a formação na Escola de Aplicação da FEUSP.

Entro em contato com a Escola de Aplicação e, conseqüentemente, com o Programa Gênero e Sexualidade através do estágio obrigatório da matéria

⁶ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.14.

Metodologia das Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP, em 2018. Começo a acompanhar as aulas de teatro da Escola de Aplicação, ministradas pela professora Adriana Oliveira, e a atuar nas ações do Programa Gênero e Sexualidade como estagiário, depois, como bolsista do Programa Unificado de Bolsas (PUB)⁷.

Um projeto que contempla questões ligadas à sexualidade sendo debatidas em sala de aula surge na Escola de Aplicação da FEUSP no ano de 1996. A iniciativa nasce como Projeto de Orientação Sexual Adolescente. A elaboração do projeto acontece através da necessidade de se abordar questões ligadas à sexualidade no trabalho pedagógico com crianças e adolescentes dentro do espaço escolar, acompanhando as políticas de educação para a saúde e prevenção nas escolas⁸.

Ao adentrar no século XXI, o núcleo se concentra entre professores(as), estagiários(as), bolsistas e colaboradores(as). As discussões se ampliam ao abarcar o debate e a reflexão acerca das identidades de gênero, e suas construções sociais, e da sexualidade e suas diversas manifestações, com ênfase no reconhecimento da diversidade e o enfrentamento às diferentes formas de discriminação, como o machismo, o sexismo, a misoginia e a lgbtfobia⁹.

Atualmente, o Programa Gênero e Sexualidade é composto pelos(as) docentes Adriana Oliveira (professora de teatro), Kelly Sabino (professora de artes visuais), José Carlos Carreiro (professor de geografia), Milena Bushatsky (professora de educação física), Sahsha Delatorre (professora de francês) e Priscila Gonçalves (professora do ensino fundamental I). O quadro de bolsistas PUB que integra o programa é formado por Matheus Martinez e Nathalia Barreto. Estou como pesquisador colaborador no programa ao lado de Lux Machado.

A equipe do programa realiza reuniões periódicas para planejar e avaliar as atividades pedagógicas. O programa possui algumas áreas de ação. Uma das

⁷ O Programa Unificado de Bolsas (PUB) é uma política de apoio à permanência estudantil da Universidade de São Paulo (USP).

⁸ <http://www3.ea.fe.usp.br/genero-sexualidade/> Acesso em 20 de setembro de 2021.

⁹ Sobre a história do Programa Gênero e Sexualidade ver CARREIRO, J. C. Reflexões a partir da prática de orientação sexual na FEUSP. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

principais áreas é o Espaço Projeto, momento integrado à grade horária regular da escola, que tem como objetivo a abordagem de diversos temas com as turmas de crianças e adolescentes. O Espaço Projeto possui 50 minutos de duração, ocorrendo de forma periódica.

A Escola de Aplicação também conta com aulas eletivas incorporadas à grade curricular, com 50 minutos de duração, ocorrendo de forma periódica. O programa já realizou suas atividades por meio de algumas disciplinas eletivas no decorrer dos semestres, como a “Da violência obstétrica ao renascimento do parto: pela emancipação do corpo da mulher”, oferecida pela professora Sasha Delatorre (professora de francês) aos estudantes do Ensino Médio, em 2018 e 2019.

Como as disciplinas são ministradas por docentes, bolsistas ou estagiários(as) que exercem ações na escola, tive a oportunidade de ministrar a disciplina eletiva “Gênero: do artístico ao cotidiano” destinada aos alunos e alunas do Ensino Médio, disciplina que abordava a discussão de algumas temáticas ligadas à identidade de gênero e à sexualidade por meio de obras literárias, em 2019. Ainda em 2019, também tive a oportunidade de ministrar a disciplina eletiva “Desvendando o armário: o movimento LGBT através de jogos” destinada aos alunos e alunas do Ensino Médio. A disciplina contou com a discussão das temáticas ligadas à identidade de gênero e à sexualidade através de jogos de perguntas e respostas sobre a história da militância da comunidade LGBTQ+ brasileira.

Um outro espaço de ação do programa é o Encontro LGBTQIAP+, que surgiu através de uma proposição minha na reunião periódica entre professores(as), bolsistas e estagiários(as), em 2019. Minha proposição surge a partir da necessidade de criar uma rede de apoio para as/os educandas/os LGBTQIAP+ e para estabelecer um espaço onde o conhecimento sobre assuntos ligados à comunidade LGBTQ+ pudesse ser compartilhado com estudantes de todas as orientações sexuais e identidades de gênero.

Todas as ações desenvolvidas pelo Programa Gênero e Sexualidade contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, porém o foco de análise dedica-se ao Encontro LGBTQIAP+, ressaltando o caráter artístico que envolveu os encontros realizados através de chamadas de vídeo durante o segundo semestre de 2021.

1.2 Os primeiros passos no ciberespaço

A pandemia da COVID-19 fez as instituições de ensino criarem novas formas de interações pedagógicas por meio de plataformas digitais de chamadas de vídeo, transformando plataformas como *Google Meet* e *Zoom* nos novos espaços de sala de aula. Repentinamente, somos obrigados a adentrar no ciberespaço através de convites em formatos de links. Antes, atravessávamos as portas da escola para momentos de troca de saberes, porém, com o agravamento da pandemia, os momentos de troca em sala de aula se deram por meio da abertura de múltiplas janelas de sites.

Dessa maneira, seguindo as orientações de segurança lançadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS)¹⁰, as atividades regulares da Escola de Aplicação da FEUSP começaram a ser exercidas no formato virtual em março de 2020. Consequentemente, as atividades do Programa Gênero e Sexualidade precisaram se adaptar aos novos caminhos, criando mecanismos de sobrevivência ao atravessar terrenos virtuais.

No Brasil, mais de 500.000 mortes ocasionadas pela COVID-19 foram contabilizadas até setembro de 2021¹¹. Não tive acesso aos dados exatos, mas sei que a comunidade escolar que constitui a Escola de Aplicação da FEUSP teve grandes perdas devido à pandemia originada pelo coronavírus. O cenário do trabalho desenvolvido pelas pessoas ligadas à Escola de Aplicação da FEUSP contou com esse fato, além de contar com problemas de saúde de inúmeras ordens vinculados às restrições do isolamento social, como crises de ansiedade e fobias.

A equipe do Programa Gênero e Sexualidade continuou realizando reuniões periódicas para planejar as ações do programa, porém com maiores intervalos, já que houve a urgência dos(das) docentes realizarem muitas reuniões através de chamadas de vídeo para estruturar todo o cronograma escolar no ensino remoto. Sendo assim, os(as) bolsistas do programa tiveram grande autonomia para planejar as atividades realizadas durante o ano de 2020 e primeiro semestre de 2021.

¹⁰ Para saber sobre as medidas de segurança aplicadas durante a pandemia da COVID-19 ver <https://www.who.int/pt> Acesso em 24 de setembro de 2021.

¹¹ <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 24 de setembro de 2021.

A ação mais recorrente do Programa Gênero e Sexualidade nos moldes de ensino remoto ocorreu por meio do Espaço Projeto. As atividades foram criadas e conduzidas pelos(as) bolsistas e supervisionadas pelos(as) docentes que integram o programa, sendo realizadas através da plataforma de chamadas de vídeo *Google Meet*. A duração dos encontros sempre esteve em torno dos 50 minutos, mesma duração dos antigos encontros no formato presencial.

As temáticas das entradas nas turmas durante a pandemia foram deliberadas de acordo com a faixa etária dos(as) estudantes, assuntos latentes dentro das turmas e fatos de alta repercussão nas mídias sociais. Casos que estiveram por semanas sendo comentados dentro e fora da escola, como o caso de Mari Ferrer¹² e os casos de lgbtfobia no BBB 21¹³, geraram muita revolta e muitas participações fervorosas nos debates entre as turmas.

Mesmo com muitas participações fervorosas, a maioria dos(das) estudantes preferem fazer seus comentários através do chat do Google Meet. As aulas, as atividades do Programa Gênero e Sexualidade e as demais atividades escolares na pandemia são marcadas por câmeras fechadas, microfones fechados e fotos de personagens de animes nos perfis dos e-mails. Alguns estudantes deixaram de frequentar as atividades do programa e quase não apareciam nas aulas, como estavam de câmera e microfone fechados era quase impossível saber se estavam presentes nos encontros ou executando outras atividades.

A Unicef aponta “que quase 1,1 milhão de crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória estavam fora da escola em 2019”. Em 2020, a Unicef aponta que “5.075.294 crianças e adolescentes de 6 a 17 anos estavam fora da escola ou sem atividades escolares” (UNICEF, 2021, p. 11-44). A pandemia contribuiu para afastar ainda mais os(as) estudantes da escola, fazendo com que milhões de crianças e

¹² Mari Ferrer é uma influenciadora digital que sofreu um estupro do empresário André Aranha. O caso de Mari ganhou grande repercussão na mídia após o Ministério Público de Santa Catarina pedir a absolvição de André Aranha usando o termo “estupro culposo”, ou seja, que não houve a intenção de André cometer o ato contra Mari Ferrer. Para ver mais sobre o caso ver <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/> Acesso em 28 de setembro de 2021.

¹³ Para saber sobre os casos de lgbtfobia no BBB 21 ver <https://aliancalgbti.org.br/2021/02/08/nota-de-repudio-a-atitude-de-certos-participantes-do-bbb-2021-crimes-de-lgbtifobia-bifobia-e-racismo-contra-o-participante-lucas-koka-penteado/> Acesso em 28 de setembro de 2021.

jovens sofressem perdas em seus processos educacionais, ampliando o espectro de desigualdades sociais em todo o país.

O Enem, por sua vez, registrou o menor número de inscritos em 13 anos. Sendo que, em 2020, ocorreu uma abstenção acima de 55% de inscritos¹⁴. Além dos danos às crianças e aos jovens supracitados, os dados referentes ao Enem apresentam os prejuízos que os(as) jovens pré-vestibulandos sofreram com os estudos na pandemia.

Permaneci como bolsista no Programa Gênero e Sexualidade desde setembro de 2018 até agosto de 2021. Nesse período, é gritante perceber o quanto os(as) estudantes se distanciaram das discussões em sala de aula, não só por causa do ensino remoto, mas pelo esgotamento ocasionado através da intensa exposição às telas de celulares e computadores. Durante o ensino presencial, em 2019, os(as) estudantes viviam grudados(as) nos celulares por vontade própria, porém, com a pandemia, muitos(as) foram obrigados(as) a manter conexão direta com celulares, já que vários(as) só conseguem acompanhar as aulas pelo celular.

A partir disso, comecei a me questionar sobre o papel das artes no ensino remoto em geral, assim como seu papel específico dentro do Programa Gênero e Sexualidade. O quadro de docentes, estagiários(as), bolsistas e colaboradores(as) que integra o Programa Gênero e Sexualidade conta com muitas pessoas vinculadas às artes, dessa maneira, muitas atividades do programa possuem um caráter artístico em sua formulação. Porém, seria possível deixar a abordagem do Programa Gênero e Sexualidade mais artística? Como seria abordar diferentes temáticas pautadas pelas relações de gênero e sexualidade através de diferentes linguagens artísticas?

A partir dos questionamentos sobre a abordagem artística nas atividades do programa e das dificuldades inerentes ao ensino remoto supracitados, a necessidade de criar um espaço ou retomar ações do programa se instauraram. O Encontro LGBTQIAP+ foi o espaço retomado durante o ensino remoto para iniciar essa pesquisa dentro do Programa Gênero e Sexualidade através do ciberespaço.

14

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/07/15/enem-registra-o-menor-numero-de-inscritos-em-13-anos>. Acesso em 29 de setembro de 2021.

1.3 Calculando uma rota artística para trilhar o amanhã

Em 2019, o Encontro LGBTQIAP+ foi criado com o intuito de ser um espaço de apoio, de momento de escuta e de compartilhamento de vivências no colégio. Como já citado anteriormente, surge de uma proposta minha ao me deparar com o apagamento que educandos(as) LGBTI+ sofriam dentro do espaço escolar em comparação aos(às) alunos(as) heterossexuais, já que era muito discrepante o modo como as orientações sexuais e as identidades de gênero se expressavam nos ambientes da escola.

Os encontros aconteciam uma vez por semana com a duração de 50 minutos. Nos primeiros dias, os encontros foram guiados pela professora Kelly Sabino (professora de artes visuais) e pelos(as) bolsistas da época, após um certo período, os(as) bolsistas conduziram os encontros. Mais de trinta encontros foram realizados dessa maneira no formato de ensino presencial, em 2019.

Em 2020, o Encontro LGBTQIAP+ parou de acontecer devido às complicações de adaptação que o ensino remoto trouxe. Como o cronograma escolar sofreu diversas alterações e não sabíamos quanto tempo duraria o isolamento social, a continuidade de várias atividades escolares foi ameaçada. O período de ausência dos encontros permaneceu até meados de 2021, porém, como docentes e bolsistas já estavam acostumados(as) ao modelo de ensino remoto, houve a oportunidade de retomar o Encontro LGBTQIAP+.

Após um longo período de conversas entre bolsistas e docentes sobre o retorno do Encontro LGBTQIAP+, os encontros começaram a acontecer no formato virtual em junho de 2021. Ainda como bolsista do programa, ao lado de Lux Machado e Julia Castro, conduzimos os primeiros três encontros sob a supervisão da professora Adriana Oliveira (professora de teatro).

Os primeiros encontros foram determinantes para apresentar o Encontro LGBTQIAP+ aos(às) estudantes recém-chegados(as) na escola e conhecer as temáticas que mais chamavam a atenção dos(as) discentes. Sendo assim, a partir das conversas realizadas nos três encontros e algumas reuniões entre bolsistas, foi decidido criar um cronograma de encontros para o semestre.

CRONOGRAMA

02/08 (segunda-feira) - Apresentação do cronograma.

BLOCO 1: IDENTIDADES DE GÊNERO

09/08 (segunda-feira) - Expectativa e projeções relacionadas ao nascimento (voltado a família/biológico).

16/08 (segunda-feira) - Representações sociais de gênero (modelos de homem X modelos de mulher / Visão Cultural).

23/08 (segunda-feira) - Movimento Feminista (síntese de cada onda e ramificações - visão histórica).

30/08 (segunda-feira) - Transgeneridades (espectro guarda-chuva / cisheteronormatividade).

BLOCO 2: ALÉM DO BINARISMO DE GÊNERO

13/09 (segunda-feira) - Não-binaridade Parte 1: Neolinguagem (pronome Neutro /pajubá).

20/09 (segunda-feira) - Não-binaridade Parte 2: Performance *Queer* (Teoria *Queer*, identidades/performance de gênero).

BLOCO 3: SEXUALIDADES

01/10 (sexta-feira) - Monossexualidades (hétero/homo).

13/10 (quarta-feira) - Polisssexualidades (bi/pan).

22/10 (sexta-feira) - Assexualidade e Demissexualidade (Espectro Cinza).

29/10 (sexta-feira) - IST's / HIV (estigmatização social).

BLOCO 4: DIREITOS E PRECONCEITOS LGBTQIAP+

Direitos institucionais (legislação - nome social, adoção, casamento, uso de banheiro).

Movimento social LGBTQIAP+ (paradas, revoltas/rebeliões - *Stonewall* e Ditadura Militar Brasileira).

Violências ligadas a identidades de gênero e sexualidades (assédio/bullying /cyberbullying).

Como é possível acompanhar no cronograma, a estrutura dos encontros foi dividida em quatro blocos diferentes, sendo que as temáticas ligadas às identidades de gênero e as temáticas ligadas à sexualidade foram separadas. Essa divisão partiu da necessidade de construir um caminho acessível aos(às) estudantes de diferentes idades e anos escolares que frequentam o Encontro LGBTQIAP+, já que o grupo reúne estudantes de 12 a 17 anos, do 7º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio.

Os encontros aconteceram por meio de chamadas de vídeo via *Google Meet*, uma vez por semana, das 12h às 13h, sendo que iniciamos às segundas-feiras, porém, com as flutuações decorrentes das adaptações do ensino híbrido, chegamos a realizar um encontro na quarta-feira e os demais encontros às sextas-feiras. Realizei reuniões semanais com Lux Machado e Julia Castro durante o processo com o intuito de planejar as ações pedagógicas, analisar as atividades realizadas, ampliar as práticas e os materiais adotados e avaliar o desenvolvimento dos encontros.

Após o anúncio do cronograma aos(às) estudantes, iniciou-se o percurso do Encontro LGBTQIAP+ por intermédio de uma abordagem artística. A cada semana, uma nova obra, linguagem artística ou artista foi apresentada com o objetivo de fomentar o debate sobre questões vinculadas às identidades de gênero ou temáticas vinculadas às manifestações da sexualidade. Os materiais pedagógicos foram apresentados por compartilhamento de tela e de links e as discussões ocorreram por meio de algumas falas com microfone aberto e comentários no chat.

Calculamos a rota artística para trilhar o semestre a partir do cronograma e recalculamos o trajeto mais de uma vez, sempre levando em consideração as oscilações do trânsito da pandemia sobre o modelo de ensino: do ensino remoto ao ensino híbrido, do ensino híbrido ao retorno do ensino presencial. Desse modo, este texto é escrito em movimento e as atividades do cronograma seguirão até o fim do semestre letivo, entretanto, nos próximos capítulos acompanharemos o desenvolvimento do Encontro LGBTQIAP+ até meados de outubro, focando a pesquisa nas ações dos encontros realizados nos três primeiros blocos do cronograma.

2. FLUXOS DE GÊNERO: IDENTIDADE, FICÇÃO E SUBVERSÃO

“O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições.”

Paul B. Preciado¹⁵

2.1 É cor de rosa ou azul? Violeta, meu amor!

O primeiro bloco do Encontro LGBTQIAP+ obteve quatro encontros em agosto, contando com a presença de 7 a 10 estudantes em cada encontro. Iniciamos com a abordagem das construções e reconstruções sociais das identidades de gênero através da seleção de alguns materiais artísticos. Como partimos dos gêneros binários, decidimos abordar as expectativas criadas sobre o ideal de homem e de mulher por meio de festividades que celebram o gênero de bebês, como os chás de revelação, e de elementos presentes na cultura de massa, como a moda e as novelas.

Os materiais artísticos apresentados no primeiro encontro foram vídeos relacionados às expectativas sobre o gênero de nascimento. Dois dos materiais visuais apresentam um chá de revelação como mote principal, sendo que um deles retrata uma cena satírica de um chá de revelação feita pela produtora de vídeos de comédia Porta dos Fundos¹⁶, enquanto o outro material apresenta um chá de revelação real com a participação da *drag queen* Vanessa du Matu, que revela o gênero do bebê a partir da cor do seu vestido durante um *lip sync*¹⁷. O terceiro material mostra cenas de novelas sobre a revelação do gênero do bebê a partir do exame de ultrassonografia¹⁸.

Após a entrada dos(as) estudantes na sala virtual, apresentamos os materiais visuais e iniciamos uma conversa. Algumas pessoas abriram a câmera e o microfone para expressar seus pontos de vista, mas a maioria manteve a câmera fechada e se comunicou pelo chat. Todos os encontros do semestre seguiram um roteiro similar

¹⁵ PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017, p.27.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=cZNX5je8Ppw> . Acesso em 13 de outubro de 2021.

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=9l-wQrh9yQ> . Acesso em 13 de outubro de 2021.

¹⁸ <https://globoplay.globo.com/v/1327855/> . Acesso em 13 de outubro de 2021.

de execução: chegada dos(as) discentes, apresentação dos materiais pedagógicos e discussão sobre os materiais a partir da temática do dia.

Vários(as) estudantes questionaram o sentido da comemoração do chá de revelação, demonstrando uma certa aversão à celebração do gênero e todas as implicações que estão envolvidas, ou seja, as atribuições dos papéis sociais de gênero. As narrativas sobre as identidades de gênero criadas pelas novelas também repercutiram nos comentários do chat, destacando o poder da criação de imaginário que as mesmas ocasionam nos telespectadores.

Nesse sentido, destacamos no debate que as nossas identidades são construídas no antro de uma determinada nação por meio de nossa relação com os múltiplos signos presentes na cultura. Gênero, orientação sexual, etnia, nacionalidade e classe são alguns dos marcadores sociais estabelecidos e regulados por um Estado. A partir disso, o sociólogo Stuart Hall ressalta:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2006, p. 50).

Hall vai além das instituições culturais ao mencionar os modos de construção de sentido através de signos e representações sociais dentro de uma nação. Nesta continuidade, os(as) estudantes levantaram o peso que o capital exerce sobre nós ao gerar o consumo de produtos vinculados às identidades de gênero binárias, como enxovais azuis para meninos e enxovais cor de rosa para meninas, durante a infância, até chegar ao ponto de vender produtos pautados no gênero ainda na fase adulta, como perfumes para homens e perfumes para mulheres, sendo que o olfato é um elemento extremamente raso para definir uma identidade de gênero.

No segundo encontro, os debates sobre a influência da indústria cultural nas atribuições de gênero continuaram intensas, mas, dessa vez, partimos de outra linguagem artística para fomentar o debate: a moda. Os materiais escolhidos para

esse encontro foram dois vídeos¹⁹ sobre as mudanças históricas nas modas feminina e masculina através das décadas do século XX e XXI e uma série de imagens com pessoas e movimentos de diferentes épocas que friccionam os padrões normativos de feminilidade e masculinidade.

No grupo dos(as) artistas que friccionam padrões de gênero através da androginia apresentamos: David Bowie, Grace Jones, Lil Nas X, Billy Porter, Marlene Dietrich, Ney Matogrosso, Cássia Eller e Boy George. Nos movimentos artísticos que cruzaram as fronteiras de gênero em suas expressões apresentamos: o movimento *hippie* nos anos 60, o movimento *club kid* nos anos 80 e o ressurgimento do movimento *emocore* nos anos 2000. Dentro da criação de moda, apresentamos estilistas com fortes influências na quebra de padrões de gênero, como Coco Chanel e a marca Fecal Matter. Nos campos da performance, apresentamos imagens da Experiência n°3, de Flávio de Carvalho, e na *bodyart* apresentamos o casal de tatuadores Mulher Demônia e Diabão.

Ao contrário do primeiro dia, as participações do segundo encontro apresentaram um caráter mais otimista e enérgico nas falas, já que todas as referências apresentavam formas de subverter padrões estéticos. No primeiro encontro surgiram angústias e inquietações sobre maneiras de contestar as expectativas de gênero binárias, como se fosse quase impossível se rebelar contra uma norma estabelecida e reificada constantemente pelos aparatos do Estado.

No mesmo caminho do segundo dia, abordamos artistas que friccionam padrões de gênero no terceiro encontro. Dessa maneira, introduzimos os movimentos feministas através das obras das artistas: Virginia Woolf, Coco Chanel, Frida Kahlo, Nina Simone, Beyoncé, Claudia Wonder e o projeto Psicopretas.

O terceiro encontro teve pouca participação dos(as) estudantes, mas esse fato está vinculado à densidade ao abordar diferentes vertentes do feminismo em 50 minutos. Naquele momento, refletimos sobre a necessidade de manter o foco sobre apenas uma linguagem artística e poucos(as) artistas nas referências. Nosso último encontro iniciaria a quebra total das caixinhas azul e cor de rosa, portanto, seria necessário caminhar lentamente sobre os tons de violeta que encontraríamos.

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=L3e8MvTntkE> . Acesso em 18 de outubro de 2021.
<https://www.youtube.com/watch?v=mwzFxoodAkY> . Acesso em 18 de outubro de 2021.

2.2 O espectro de gênero na sala de aula

No último capítulo, o processo do Encontro LGBTQIAP+ foi iniciado seguindo o primeiro bloco do cronograma. Os três primeiros encontros foram cruciais para uma escolha reduzida dos materiais pedagógicos nos encontros posteriores, visto que o número de referências e materiais artísticos compartilhados com os(as) discentes foi extenso.

O encontro que fechou o primeiro bloco do cronograma teve como base o início da discussão sobre a transgeneridade²⁰. Esse dia foi pensado para ser um momento de transição entre o primeiro bloco e o segundo, portanto, realizamos uma conversa antes de apresentar o material artístico do dia sobre as atribuições de gênero dentro da sociedade e sua contestação, retomando o que já havíamos discutido nos encontros passados.

Começamos a conversa com as seguintes perguntas-chave: Quais as referências de pessoas trans você possui? Você conhece algum(a) artista trans? Já assistiu alguma série que falasse sobre esse tema? Após as questões, iniciamos uma conversa sobre os signos e as representações sociais que englobam a transgeneridade. O material artístico desse encontro foi o clipe da música *Oração*²¹ de Linn da Quebrada.

A maior parte das referências trans dos(as) jovens é composta por personagens de animes e séries, *youtubers*, *tik tokers*, grupos de k-pop e cantores(as). Algumas pessoas já conheciam a carreira musical de Linn da Quebrada, que aborda em suas canções os assuntos ligados às identidades de gênero e às possibilidades de vivenciar a sexualidade fora de um padrão cisheteronormativo²².

A canção *Oração* de Linn da Quebrada é uma obra sobre afeto, respeito ao próximo e combate à lgbtfobia, um pedido lançado ao divino em nome da proteção dos corpos dissidentes, como o próprio nome da música sugere. O clipe da música

²⁰ Transgeneridade é um termo abrangente para se compreender o espectro de gêneros que estão além da binaridade de gênero.

²¹ <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI> . Acesso em 21 de outubro de 2021.

²² Cisheteronormatividade ou heteronormatividade são termos altamente difundidos nos estudos *queer*, que abarcam as normas compulsórias de gênero e sexualidade, ou seja, os construtos sociais dos “modelos ideais” de homem e de mulher cisgêneros e heterossexuais.

reúne várias artistas travestis e mulheres trans dançando e brincando juntas, como uma congregação de fiéis.

A resignificação artística que Linn da Quebrada realiza no clipe foi muito comentada pelos(as) discentes, já que algumas religiões são instituições que atribuem sentidos pejorativos à existência LGBT+, considerando como pecado e até mesmo punindo pessoas ao redor do mundo. Vale lembrar, que a maioria dos(as) estudantes que frequenta o encontro é LGBTI+, sendo que um terço é transgênero, e já sofreu discriminação dentro de alguma religião ou por religiosos fanáticos.

O segundo bloco do cronograma prosseguiu com as discussões sobre transgeneridade, mas abarcando outra nomenclatura muito difundida atualmente: não-binaridade²³. Seguimos nos encontros de setembro com o mesmo formato de encontro, porém, o quadro de bolsistas PUB mudou, sendo que Matheus Martinez e Nathalia Barreto entraram como bolsistas. Continuei no programa como colaborador pesquisador ao lado de Lux Machado, enquanto Julia Castro deixou o programa.

Os materiais artísticos do quinto e do sexto encontros, respectivamente, foram imagens de personalidades da cultura pop e um texto dramático escrito por mim e Lux. Algumas imagens do quinto encontro foram retomadas do segundo encontro, como imagens de David Bowie e Cássia Eller, enquanto outras imagens foram acrescentadas, como imagens de personagens de animes e artistas *drag queens* montadas e desmontadas. A dramaturgia do sexto encontro foi compartilhada por tela e lida por dois estudantes do encontro. O texto dramático, a saber:

Dois amigos se encontram durante um protesto pacífico contra o atual presidente do Brasil.

A - Mona, não acredito que te encontrei aqui, precisava mesmo falar com você. sabe aquele aquê?

B - Oi bicha, não sabia que tu ia vir pro ato também não. Mas sobre esse aquê, é qual? Aquele que pegamos com a amapô?

²³ A não-binaridade é um termo abrangente para se compreender um espectro de gêneros, expressões, representações sociais e signos que fogem da binaridade de gênero. A transgeneridade se aproxima muito da não-binaridade, pois ambas fogem do binarismo de gênero em partes, já que muitas pessoas transgêneros lutam para serem reconhecidas como homens e mulheres, identidades que se encontram em um antro binário de gênero. A não-binaridade, por sua vez, busca fugir do binarismo de gênero por meio da reivindicação da neutralidade, hibridez e/ou fluidez de gênero para criar outras possibilidades de existência.

A - Bee, amapô? O arô que te dei na semana passada.

B - Então, daquele trabalho que fizemos com a caminhoneira. O que tem ele?

A - Quero comprar um picumã novo. Vou sair com um ocó hoje e resolvi comprar um picumã novo. O aqué será mara. Consegue me entregar?

B - Claro, bee! Tá aqui ó. Depois me conta os bafos com esse aí. É maricona?

A - Lacrou! Pisou! Babadeira! Não é maricona não. É meio Barbie, mas erê. E você, tá feliz com a nb?

B - Sim, 1 ano e meio juntas, elu me faz muito feliz.

A - Bee, que aglomeração é aquela?

B - Eita mana, o que será? Vamo lá ver?

A - Aaaaaahhhh! Os aliban! Corre, poc!

B - Pelo amor de Deize, vamo embora manaa!

Nos dois encontros do bloco dois, os(as) estudantes comentaram bastante sobre as possibilidades de subverter padrões de gênero através do uso da linguagem neutra e da performatividade de gênero²⁴. As mensagens do chat ressaltaram a comunicação dos(as) jovens nas redes sociais por meio da linguagem neutra ou através de palavras presentes no dialeto pajubá²⁵.

Durante as atividades sobre a não-binaridade intensificou-se a discussão sobre os signos e as representações sociais acerca do que consideramos feminino e masculino no imaginário coletivo brasileiro. A leitura da dramaturgia contribuiu para amplificar as discussões sobre o sentido atribuído aos gêneros em sociedade, já que a língua é uma forma de reificar códigos a partir da comunicação entre indivíduos. Ao final do bloco dois, analisamos as potencialidades que a arte possui ao questionar padrões normativos e a aproximação através da sensibilidade estética, sendo assim, prosseguimos com o trabalho rumo ao bloco da sexualidade.

²⁴ Performatividade de gênero é um termo designado por Judith Butler sobre a série de comportamentos que as pessoas precisam seguir para serem identificadas como homens ou mulheres dentro da sociedade. É importante destacar a possibilidade de uso da performatividade de gênero para romper com a norma binária e criar novas identidades. Para saber sobre o conceito de performatividade de gênero ver BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

²⁵ Pajubá é um dialeto originado no antro da comunidade LGBTI+ por meio da junção de palavras das matrizes africanas nagô e iorubá com gírias brasileiras. Para saber sobre o pajubá ver SCIPPE, V. A.; LIBI, F. *Dicionário Aurélia: a dicionária da línguaafiada*. São Paulo: Editora Bispa, 2006.

2.3 Violências de gênero nos espaços escolares

Antes de abordar o processo do bloco da sexualidade, faz-se necessário refletir sobre alguns pontos dos dois primeiros blocos do cronograma. Após realizarmos seis encontros, muitas falas e comentários no chat apresentaram o universo no qual os(as) discentes estão imersos(as) durante a pandemia. Os sofrimentos e as alegrias vivenciados nesse momento histórico trágico ocasionaram muitas questões existenciais aos(às) jovens, transformando o período da adolescência em uma montanha-russa de emoções ainda maior.

O Encontro LGBTQIAP+ surgiu com o intuito de ser um lugar de apoio, portanto, nossas trocas sempre envolveram a escuta ativa e o acolhimento diante das dúvidas e dos problemas vivenciados nos espaços escolar e familiar. O ensino remoto transformou esse espaço de apoio em um local de apoio virtual, distante, onde as falas são curtas e tímidas, e as maiores expressões são por meio da digitação em chat.

Uma parte dos(as) estudantes da Escola de Aplicação da FEUSP se identificam como pessoas transgênero, sendo que muitos(as) desses(as) estudantes fazem parte do Encontro LGBTQIAP+. Nos capítulos anteriores foi mencionado o peso que a indústria cultural e as instituições religiosas possuem quando se trata da estereotipização e da estigmatização sobre gêneros dissidentes, impactando diretamente esses(as) jovens, mas é importante salientar aqui o papel da medicina nas atribuições de gênero e nos processos de transição.

O termo “gênero” (*gender* em inglês) associado às análises clínicas, e como diagnóstico, é empregado na medicina por meio do psicólogo infantil John Money, nos Estados Unidos, em 1955 (PRECIADO, 2018, p.109-110). O trabalho do psicólogo Money estava direcionado ao desenvolvimento de técnicas cirúrgicas de modificação dos corpos de bebês intersexo²⁶. Dessa maneira, as atribuições de

²⁶ Intersexo é um quadro clínico associado à uma formação biológica que foge das definições médicas de homem e mulher a partir de diversas condições do sistema reprodutor ou sexual - cromossomos, gônadas, hormônios, órgãos externos e internos. Endosexo é o termo médico oposto ao intersexo, usado para pessoas que possuem a condição biológica nos “padrões” unicamente femininos ou masculinos. As pessoas intersexo compõem a comunidade LGBTI+, mas o termo intersexo não se enquadra como identidade de gênero ou orientação afetiva/sexual, permanecendo como condição biológica.

gênero ganham novos sentidos à construção de subjetividades no decorrer do século XX, visto que a partir desse momento histórico pode-se intervir na classificação de gêneros com recursos bioquímicos e operações médicas.

O conceito de papel de gênero (*gender role* em inglês) e o conceito de identidade de gênero (*gender identity* em inglês), que atribuímos às discussões sociais, surgem mediante a problematização dos estudos de intervenção médica em bebês intersexo propiciados por John Money. Dessa forma, a identidade de gênero estaria associada ao reconhecimento do gênero atribuído ao nascimento e o papel de gênero estaria associado a um conjunto de comportamentos necessários para representar a identidade de gênero em sociedade²⁷.

As definições de gênero são questionadas a partir do momento em que as identidades não se reconhecem enquanto homens ou mulheres, definições binárias de atribuição de gênero, e quando contestam os padrões comportamentais exigidos pelos papéis de gênero criados pela sociedade. A partir disso, temos a reivindicação dos termos transgênero²⁸ e cisgênero²⁹ como forma de compreensão do espectro que abarca identidades binárias e não binárias de gênero. Essa reivindicação ocorre de forma social nas lutas por direitos de equidade fortemente marcadas no decorrer da segunda metade do século XX até o atual momento.

Isto posto, podemos compreender a disputa de poder sob as quais estamos sujeitos desde o nascimento, ou melhor dizendo, sob as quais estamos sujeitos desde o momento da ultrassonografia, como vimos anteriormente. O que é esperado do modelo de “homem brasileiro”? O que é esperado do modelo de “mulher brasileira”? O que acontece com os corpos que tentam fugir das amarras de gênero? É possível fugir dessas amarras de gênero ou sempre estamos sujeitos aos mecanismos de controle do Estado? As artes podem contribuir com a resignificação dos estereótipos de gênero sem estarem vinculadas ao capital, ao consumo

²⁷ Alguns estudos relevantes neste sentido são ADICHIE, 2014; BUTLER, 2016; DAVIS, 2016; LOURO, 2004; PRECIADO, 2017.

²⁸ Transgênero é um termo abrangente para se compreender as identidades de gênero que não se reconhecem a partir do gênero que lhes foi imposto no nascimento, por exemplo, as identidades travesti, mulher transexual, homem transexual, gênero fluído, não-binária. O prefixo trans significa “além de”, ou seja, a pessoa que está além de um gênero imposto.

²⁹ Cisgênero é um termo usado para se compreender as identidades de gênero que se reconhecem a partir do gênero que lhes foi imposto no nascimento, por exemplo, mulher cis e homem cis. O prefixo cis significa “ao mesmo lado de”, ou seja, a pessoa que está de acordo com um gênero imposto.

exacerbado, às grandes marcas? Essas são algumas questões que acompanharam várias reuniões periódicas que tive com Lux, Matheus e Nathalia durante o processo.

É importante destacar que, além dos problemas ocasionados pelo isolamento social, como aumento das crises de ansiedade e o surgimento de fobias de múltiplas ordens, os(as) discentes sempre apontaram no chat os impactos das violências de gênero durante a pandemia. Problemas relacionados ao *cyberbullying* nas redes sociais, transfobia no espaço escolar e familiar, a baixa autoestima motivada pelos padrões de beleza, falas machistas nas discussões entre turma, entre outros problemas, foram pontos levantados no decorrer dos primeiros blocos.

O aumento da socialização através do virtual é algo preocupante se levarmos em conta a possibilidade de acesso aos sites que não são permitidos aos(as) jovens menores de idade. Durante as chamadas de vídeo, a maioria dos(as) estudantes apresenta um personagem de anime ao invés de abrir a câmera. Esse recurso também pode ser usado por muitos(as) jovens para assistir lives de *streamers* destinadas ao público maior de idade, criação de perfis em redes sociais, contas em aplicativos de namoro, etc.

Os(as) jovens têm fácil acesso a muitas plataformas digitais que não são recomendadas para sua idade. O consumo de muitos desses materiais está vinculado a material pornográfico, à violência extrema e ao consumo de drogas, presentes em muitas séries, animes, filmes, imagens, grupos de whatsapp e Facebook, vídeos do YouTube, entre outros conteúdos virtuais.

No início do ano, o número de procedimentos estéticos em jovens brasileiros(as) aumentou em mais de 140%³⁰. Esse fator está atrelado à insatisfação com a autoimagem, a comparação entre corpos e o *cyberbullying*. Chegamos a conversar nos encontros sobre o alto número de pessoas nas mídias sociais realizando harmonização facial e, muitas vezes, tentando reverter o procedimento estético realizado. Um dos destaques dessa conversa foi pensar o quanto a insatisfação com a própria imagem pode estar associada à necessidade de atingir o status de homem e mulher padrões à sociedade.

30

<https://jornal.usp.br/ciencias/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/> . Acesso em 29 de outubro de 2021.

3. FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE: RELAÇÃO, PRÁTICA E DESEJO

“O sexo se tornou parte tão importante dos planos de poder que o discurso sobre a masculinidade e a feminilidade e as técnicas de normatização das identidades sexuais transformaram-se em agentes de controle e padronização da vida.”

Paul B. Preciado³¹

3.1 Monoafetividades e Monossexualidades: “só posso pegar um?”

O bloco da sexualidade contou com quatro encontros em outubro, sendo que três desses encontros foram destinados a abordar orientações afetivo-sexuais e um encontro para falar sobre a estigmatização das IST's e do vírus HIV. Os métodos de abordagem dos materiais artísticos seguiram no mesmo formato do bloco anterior, porém, a busca por conteúdos que trabalhassem com a relação direta entre indivíduos se intensificou, já que as orientações afetivo-sexuais estão ligadas às diversas possibilidades de experienciar os relacionamentos.

A orientação afetivo-sexual é outro componente que integra as discussões sobre gênero e sexualidade, componente que está ligado às diversas maneiras como nos atraímos e nos relacionamos de forma afetiva ou sexual. Cabe ressaltar que a invenção dos conceitos de heterossexualidade³² e homossexualidade³³ remonta às análises clínicas do século XIX. Antes desse período o termo heterossexual não era usado, mas a relação heterossexual já era normatizada enquanto a relação homossexual era considerada sodomia³⁴. Os conceitos de heterossexualidade e homossexualidade ganham novas definições no decorrer do século XX a partir de manifestações por direitos sociais, possibilitando a discussão

³¹ PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

³² Heterossexualidade é o termo usado para atrações afetivas ou sexuais entre pessoas de gêneros opostos, considerando como oposto os conceitos de feminino e masculino, por exemplo, a relação entre um homem cis e uma mulher cis ou a relação entre um homem cis e uma travesti.

³³ Homossexualidade é o termo usado para atrações afetivas ou sexuais entre pessoas do mesmo gênero, considerando os conceitos de feminino e masculino, por exemplo, a relação entre uma mulher cis e outra mulher cis ou a relação entre uma mulher cis e uma mulher trans.

³⁴ Alguns estudos relevantes neste sentido são BUTLER, 2016; FOUCAULT, 2020; NAPHY, 2006; PRECIADO, 2017; TREVISAN, 2018.

sobre outras formas de orientação afetivo-sexual, como a bissexualidade³⁵, a pansexualidade³⁶ e a assexualidade³⁷.

O primeiro encontro abordou as monoafetividades e monossexualidades, que se baseiam nas relações afetivas, no desejo e nas práticas sexuais direcionadas a um gênero, igual ou diferente, como a homossexualidade e a heterossexualidade, ou direcionadas à relação com uma pessoa, como ocorre nas relações monogâmicas. Os materiais artísticos desse encontro foram vídeos³⁸ de danças com pares de gêneros iguais e diferentes.

O destaque do chat foram comentários acerca dos homens cisgêneros que se recusam a dançar com outros homens devido ao preconceito de serem associados à homossexualidade. Os(as) estudantes também relacionaram os vídeos com as aulas de dança na matéria de educação física, ministrada pela professora Milena Bushatsky, que integra o grupo de docentes ligados ao Programa Gênero e Sexualidade, já que nas aulas é comum que meninos dançam com outros meninos.

Alguns dos vídeos apresentados mostram estilos de dança que são realizados em pares, como o forró e o tango, ressaltando a execução dos passos através de alguns fatores como a sintonia entre a dupla, a aproximação entre os corpos e os olhos nos olhos. Esses fatores, sistematicamente, são negados nos processos de socialização entre homens, que estão mais vinculados à competição, à violência e à não expressão das emoções, contribuindo à perpetuação do patriarcado, do machismo e da homofobia.

O ensino de dança nas escolas pode contribuir com a quebra dessa realidade com alguns métodos de ensino, como a prática dos estilos de dança em pares sem a obrigatoriedade da regra dos pares serem formados por gêneros diferentes. Ainda nos deparamos com coreografias que reificam a cisheteronormatividade ao escalar

³⁵ Bissexualidade é o termo usado para atrações afetivas ou sexuais por mais de um gênero.

³⁶ Pansexualidade é o termo usado para atrações afetivas ou sexuais independentemente do gênero.

³⁷ Assexualidade é o termo usado para a completa ausência, falta parcial ou condicional de atração afetiva ou sexual por alguém.

³⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=KuHm571H7Hc>. Acesso em 01 de novembro de 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=onynuHmBUMQ>. Acesso em 01 de novembro de 2021.

https://www.youtube.com/watch?v=ft7mCP_gT7s. Acesso em 01 de novembro de 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=U6WEoYRNs6Q>. Acesso em 01 de novembro de 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=MhiWBXhKReQ>. Acesso em 01 de novembro de 2021.

https://www.youtube.com/watch?v=13_D0djH3jc. Acesso em 01 de novembro de 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=8qyhhOM76Rg>. Acesso em 01 de novembro de 2021.

um casal protagonista formado por um bailarino e uma bailarina cisgêneros para dançar clássicos do balé, como a obra *O Lago dos Cisnes*, ou quando presenciamos a separação do corpo de baile entre homens e mulheres cisgêneros. Sobre o ensino de dança nas escolas e a sua relação com a sociedade, os PCNs ressaltam:

- construir uma relação de cooperação, respeito, diálogo e valorização das diversas escolhas e possibilidades de interpretação e de criação em dança que ocorrem em sala de aula e na sociedade;
- situar e compreender as relações entre corpo, dança e sociedade, principalmente no que diz respeito ao diálogo entre a tradição e a sociedade contemporânea; (BRASIL, 1998, p. 74).

Algumas pessoas do encontro ressaltaram que a dança, como as artes trabalhadas nos encontros passados, também pode interferir no imaginário coletivo das identidades de gênero, pois está ligada aos movimentos e gestos, ou seja, signos que podem ser decodificados como femininos ou masculinos. Como trabalhamos nesse encontro com a relação entre indivíduos, os códigos de feminino e masculino também foram comentados, dessa maneira muitas falas citaram os papéis sociais e as suas reverberações nos campos da dança, refletindo sobre a figura masculina no balé e a figura feminina nas danças urbanas.

A monogamia compulsória também foi um tema comentado durante o encontro, já que estávamos refletindo sobre as monoafetividades. Os ciúmes excessivos, as relações abusivas, o feminicídio, a violência doméstica, entre outras questões, estão atreladas à monogamia compulsória, que, dentro de uma sociedade patriarcal, contribui à atribuição de papéis de gênero em uma relação.

O primeiro encontro do bloco da sexualidade expandiu as discussões nas reuniões subsequentes que tive com Lux, Nathália e Matheus. Tínhamos muitos vídeos de dança, algo semelhante com o número de materiais pedagógicos dos outros encontros, porém, verticalizar na abordagem de uma única linguagem artística se comprovou como um método vigoroso a partir deste encontro. Sendo assim, resolvemos dar continuidade às discussões sobre as relações afetivo-sexuais e estender as reflexões sobre “pegar apenas um”, pensamento comumente associado à monogamia compulsória, no segundo encontro do bloco.

3.2 Poliafetividades e Polissexualidades: “então, posso pegar dois?”

O segundo encontro do bloco da sexualidade prosseguiu com as discussões sobre as relações afetivo-sexuais, mas com a ampliação da temática para abarcar as poliafetividades e polissexualidades. O debate acerca da monogamia compulsória também se estendeu nesse encontro, porém, as relações não monogâmicas e o poliamor³⁹ foram temas que marcaram presença nas falas e no chat.

As polissexualidades se baseiam nas práticas sexuais e no desejo por mais de um gênero, como a bissexualidade e a pansexualidade. As poliafetividades ou polirromanticidades estão associadas às orientações afetivas por mais de um gênero, como a birromanticidade e a panrromanticidade, e também estão associadas às estruturas de relacionamento que fogem da estrutura monogâmica, como o poliamor, as relações abertas⁴⁰ ou os trisais⁴¹.

Como verticalizar na linguagem artística foi um método positivo no último encontro, a linguagem artística escolhida para o segundo encontro do bloco da sexualidade foi a pintura. Foram apresentados alguns quadros com múltiplos corpos retratados, dentre eles, a obra *Sete banhistas* de Paul Cézanne e a obra *O jardim das delícias terrenas* de Hieronymus Bosch.

Os(as) estudantes destacaram o preconceito contra as pessoas bissexuais e pansexuais, que, geralmente, é manifestado através da invisibilidade aos movimentos, da associação à promiscuidade e da ligação à indecisão sobre a sexualidade. Muitas falas do chat também abordaram os relacionamentos abusivos entre casais e amizades, relatando casos que aconteciam na escola.

Relacionamentos que divergem da estrutura monogâmica compulsória comumente são invisibilizados e associados à promiscuidade. Os relatos dos(as) jovens do Encontro LGBTQIAP+ sobre os casais com atitudes possessivas nas relações e o controle sobre as parcerias afetivas são recorrentes nas atividades do

³⁹ Poliamor é um movimento que acredita no amor de forma plural, reconhecendo a possibilidade de se envolver amorosamente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo de forma saudável e responsável. Ao contrário das relações monogâmicas, as relações poliamorosas estão abertas às relações com mais de um indivíduo através de acordos e buscam a equidade de afetos entre todas as pessoas da relação. O poliamor está dentro do espectro da não-monogamia.

⁴⁰ Relacionamentos abertos estabelecem acordos que podem incluir práticas sexuais ou manifestações de afeto com pessoas que estão fora da relação.

⁴¹ Trisal é o nome popular atribuído ao relacionamento entre três pessoas.

Programa Gênero e Sexualidade. No ensino presencial, alguns casais de alunos(as) se isolavam dos(as) colegas da turma ou impediam-se de relacionarem-se com algumas amigadas em consequência de ciúme excessivo.

A sexualidade humana ainda continua sendo tratada de forma binária em muitas das suas manifestações e práticas, reificando constantemente atribuições de papéis femininos e papéis masculinos nas relações afetivo-sexuais. Os(as) estudantes começam a assimilar desde cedo esses papéis e a reproduzi-los em suas relações cotidianas, sendo assim, relações que fujam da norma cisheteronormativa e monogâmica são vistas como algo excêntrico e pervertido. Sobre a dificuldade de encontrar novas possibilidades para vivenciar a sexualidade, Guacira Lopes Louro aponta:

No campo da sexualidade, operamos dentro da lógica binária e suportamos estender nosso pensamento aos sujeitos e às práticas que se relacionam a essa lógica. Fora desse quadro nos deparamos com obstáculos epistemológicos muito difíceis ou quase impossíveis de ultrapassar. No entanto, se quisermos pensar *queer*, teremos de imaginar formas de atravessar esses limites (LOURO, 2004, p. 70-71).

O pensamento *queer* apontado por Guacira está diretamente relacionado à tentativa de fugir dos moldes normativos da sexualidade e dos padrões binários de gênero. Dessa forma, se faz necessário a reflexão sobre a legitimidade das relações que não seguem padrões normativos ou que estão na busca de romper com a estigmatização sobre as manifestações dos seus afetos e as suas orientações sexuais. Neste sentido, é importante ressaltar que os movimentos não-monogâmicos e as comunidades bissexual e pansexual buscam a legitimidade das suas relações perante o Estado há décadas.

O assimilacionismo das estruturas dos relacionamentos heteronormativos ao envolver as relações homoafetivas perpetua o modelo monogâmico como norma. Um grande exemplo da perpetuação dos modelos heteronormativos das relações é a aprovação do casamento homoafetivo seguindo os padrões estruturais das relações heterossexuais.

O direito pelo casamento entre pessoas do mesmo gênero foi conquistado através das marchas do orgulho LGBTQ+ ao redor do mundo, mas as conquistas seguem os padrões dos casamentos heterossexuais, fazendo com que um imaginário ideal de relacionamento seja almejado. Os primeiros casamentos civis com a igualdade de direitos aconteceram na Holanda, em 2001⁴². Nos dias atuais, o número de países que legaliza o casamento civil entre pessoas do mesmo gênero, com o acesso aos mesmos direitos dos casamentos heterossexuais, está próximo dos trinta países, porém, mais de setenta países criminalizam relacionamentos homoafetivos⁴³.

Introduzir as discussões sobre as poliafetividades e as polisssexualidades por meio da pintura contribuiu para ampliarmos o leque de opções das linguagens artísticas associadas às artes visuais. Anteriormente, havíamos compartilhado materiais fotográficos e vídeos, algo muito usual no ensino remoto, já que estávamos em contato direto com plataformas digitais.

Um assunto relacionando as artes visuais às discussões sobre gênero e sexualidade, que surgiu nesse encontro, foi o fechamento da exposição *Queermuseu*, em Porto Alegre, em 2017⁴⁴. A associação das artes visuais, que possuem como temática pautas sobre gênero e sexualidade, à pornografia tornou-se algo corriqueiro nas *fake news* compartilhadas nas mídias sociais, fazendo com que muitos(as) artistas sofram ameaças de violência.

As atividades do bloco da sexualidade prosseguiram com mais dois encontros no mês de outubro, abordando a assexualidade e a estigmatização do vírus HIV, respectivamente. Durante os encontros do mês de outubro, o número dos(as) estudantes frequentadores(as) do Encontro LGBTQIAP+ caiu drasticamente devido às mudanças no ensino híbrido, porém, os encontros continuaram acontecendo com a presença de um grupo reduzido.

⁴² <https://www.youtube.com/watch?v=G1uDv7E7HVg> . Acesso em 2 de novembro de 2021.

⁴³ <https://witnesschange.org/work/where-love-is-illegal/>. Acesso em 2 de novembro de 2021.

⁴⁴ <https://exame.com/casual/apos-protestos-santander-fecha-museu-sobre-diversidade/> . Acesso em 2 de novembro de 2021.

3.3 Algum lugar além do arco-íris ou a escola como lugar de combate ao preconceito

A música *Over the rainbow*, balada escrita por Harold Arlen para o filme *O Mágico de Oz*, eternizada na voz de Judy Garland, é um ícone da comunidade LGBTQ+. A letra da canção apresenta um lugar mágico além do arco-íris, onde pode-se viver tranquilamente. Uma das possíveis identificações que a comunidade possui com a música está diretamente ligada à exclusão social vivenciada pelas pessoas LGBTQ+, sendo que a música aborda a busca por um lugar seguro. A escola poderia ser esse lugar além do arco-íris ao invés de contribuir com a exclusão social?

Durante os dois últimos encontros do terceiro bloco do Encontro LGBTQIAP+, questões como a pergunta supracitada atravessaram o processo. O papel da escola ao abarcar assuntos invisibilizados, como a assexualidade, é de extrema importância para estudantes que se identificam como assexuais. As abordagens sobre as IST's e a estigmatização das pessoas portadoras do vírus HIV, mesmo quarenta anos depois do início da pandemia, são fundamentais em sala de aula, já que existe muita desinformação sobre tais assuntos e a sorofobia é a consequência dessa falta de informação.

Os materiais pedagógicos do terceiro e quarto encontros do bloco da sexualidade foram cenas das séries *Sex Education*⁴⁵ e *Pose*⁴⁶. Ambas as séries são atuais e fazem parte do universo de consumo dos(as) estudantes, fator que gerou muitas falas e comentários no chat acerca das obras e das produções similares, que têm como mote principal assuntos relacionados às identidades de gênero e à sexualidade.

Os(as) estudantes fizeram muitos comentários sobre a série *Sex Education*, que possui uma escola como cenário da trama, e algumas falas mencionaram a importância dos assuntos relacionados à sexualidade trabalhados nas cenas da série. No caso da série *Pose*, poucos(as) estudantes conheciam a cena apresentada

⁴⁵ https://www.youtube.com/watch?v=UOxOiC1fT_8. Acesso em 3 de novembro de 2021.

⁴⁶ POSE. Direção: Ryan Murphy; Brad Falchuk; Steven Canals. Som/Imagem. FX, 2018. Disponível em Netflix. Episódio 1, 1ª Temporada, 16'-17'45". Acesso em 3 de novembro de 2021.

e a série, fato que acredito estar associado à densidade da obra visual, que retrata a cena *ballroom*⁴⁷ no meio da pandemia do HIV na Nova York da década de 80.

A pandemia do HIV/AIDS⁴⁸ foi uma grande catástrofe, porém, responsável por trazer a discussão sobre sexualidade à tona nas mídias. Os primeiros casos da pandemia surgiram nos Estados Unidos, em 1981. Muitos pacientes jovens apresentavam quadros de sarcoma de Kaposi, um tipo raro de câncer⁴⁹. No início da pandemia, a doença chegou a ser chamada de “câncer gay” pelo fato de os primeiros casos diagnosticados terem ocorrido em homens homossexuais. A mídia chegou a criar o termo “GRID”, de *gay-related immune deficiency*, sua tradução seria algo como “deficiência imunológica relacionada aos gays”. A sigla AIDS só foi criada a partir do avanço do número de pessoas heterossexuais portadoras do vírus, em 1982.

A estigmatização sobre o vírus associado à comunidade LGBT começa durante a década de 80 e 90, pois o vírus HIV comumente era, e ainda continua sendo, relacionado aos homossexuais e às travestis, mesmo com o fato de diversas pessoas cisgêneras heterossexuais também serem portadoras do vírus HIV. Sobre o impacto do vírus HIV nas escolas durante os anos 90, o pesquisador João Silvério Trevisan ressalta:

Quando já se multiplicavam os casos de crianças infectadas com o vírus, várias escolas impediram sua matrícula ou as expulsaram depois de matriculadas, sob pretexto de colocarem em risco a saúde das demais crianças, fato que gerou portarias dos Ministérios da Educação e da Saúde, em 1992, proibindo discriminação escolar de estudantes portadores de HIV (TREVISAN, 2018, p. 412).

⁴⁷ Ballroom ou Ball Culture são termos usados para designar a comunidade que frequenta bailes e/ou dança Voguing, dança baseada em poses, linhas e ângulos a partir de revistas e desfiles de moda.

⁴⁸ O Vírus da Imunodeficiência Humana (*Human Immunodeficiency Virus* em inglês), mais conhecido como vírus HIV, é o vírus que pode levar à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (*Acquired Immunodeficiency Syndrome* em inglês), mais conhecida como AIDS. Caso a pessoa infectada não recorra à terapia antirretroviral ocorre gradualmente a destruição do sistema imunológico através do vírus, permitindo que a situação da síndrome se agrave. É importante salientar que, desde os anos 90, a terapia antirretroviral vem sendo a forma de controle do vírus e que as pessoas soropositivas que alcançam a carga viral indetectável são intransmissíveis.

⁴⁹ <https://www.unaids.org/en> Acesso em 5 de novembro de 2021.

A portaria à qual João Silvério Trevisan menciona é a Portaria Interministerial Sheila Cartopassi nº 796/92 que proíbe a discriminação de crianças portadoras de HIV/AIDS nas escolas⁵⁰. A portaria foi criada depois que Sheila Cartopassi, uma garota de cinco anos, foi impedida de se matricular em uma escola particular de São Paulo por ser portadora do vírus HIV.

É muito comum presenciarmos uma abordagem sanitaria da sexualidade humana nas instituições de ensino decorrente do caos pandêmico ocasionado pela AIDS, que matou milhões de pessoas no decorrer das duas primeiras décadas da pandemia. Mesmo às vésperas de encontrar uma possível cura para o vírus HIV, muitos países sofrem com números altíssimos de casos graves, como os países da África subsaariana.

A arte-educação pode interferir nas abordagens sanitarias da sexualidade humana nas instituições de ensino? As abordagens artísticas das orientações sexuais e das identidades de gênero não-binárias podem ser métodos de introdução às temáticas? A arte pode contribuir à disputa de imaginário acerca dos papéis sociais e minimizar as violências de gênero decorrentes dos mesmos? Essas foram outras perguntas que surgiram durante a finalização das ações do bloco da sexualidade, encerrando as atividades do Encontro LGBTQIAP+ analisadas nesta escrita.

O Encontro LGBTQIAP+ no ensino remoto talvez seja um esboço dos passos trilhados pelos sapatos vermelhos de Dorothy Gale, personagem principal da trama *O Mágico de Oz*, através da estrada de tijolos amarelos rumo ao lugar além do arco-íris. O caminho virtual traçado pelos encontros foram ensaios artístico-pedagógicos sobre esse lugar místico tão sonhado pela comunidade LGBTQ+, lugar que deve ser assumido pelas instituições de ensino.

Nos próximos capítulos, as reflexões sobre os fazeres artísticos nas discussões sobre as identidades de gênero e a sexualidade em sala de aula prosseguem, mas focando no evento “IV Jornada de Gênero e Sexualidade na EAFEUSP” e nas políticas públicas ligadas às temáticas supracitadas.

⁵⁰ AIDS. UNGASS Metas. Resposta brasileira - HIV/AIDS 2001- 2005. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

4. A JORNADA DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE NAS ESCOLAS

“Afinal, chega de brincar de direitos, não é? Vamos tomar o espaço que nos é devido, numa sociedade democrática. E, depois, é tão bom botar a cara fora do gueto e, pra variar, mostrar à luz do dia o nosso amor - aquilo que temos de melhor.”

João Silvério Trevisan⁵¹

4.1 A IV Jornada de Gênero e Sexualidade na EAFEUSP

Além das atividades do Encontro LGBTQIAP+, a EAFEUSP promove a Jornada de Gênero e Sexualidade, evento que ocorre uma vez no ano dentro da escola para ampliar a discussão dos assuntos ligados aos debates sobre gênero e sexualidade pertencentes ao programa que realiza discussões na escola sobre as temáticas. As últimas edições da Jornada de Gênero e Sexualidade foram em 2016, 2018 e 2019, presencialmente, com a participação de cinquenta convidados(as), em cada edição, que foram distribuídos(as) entre múltiplas oficinas, mesas e atividades.

O evento, assim como o Encontro LGBTQIAP+, também deixou de acontecer em 2020 devido à pandemia da COVID-19, então foram necessárias algumas reuniões entre a equipe do Programa Gênero e Sexualidade para retomar o evento na escola, mas no formato virtual. Metade dos(as) convidados(as) realizou atividades artísticas com as turmas e a outra metade trabalhou com outros disparadores.

As atividades foram divididas em duas sextas-feiras seguidas, nos dias 17 e 24 de setembro, acontecendo de forma simultânea através da plataforma de chamadas de vídeo *Google Meet*, com a duração de cinquenta minutos. Os(as) convidados(as) foram divididos(as) entre as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio. Cada convidado(a) esteve acompanhado(a) de alguma pessoa da equipe do Programa Gênero e Sexualidade.

⁵¹ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. 4ª ed, rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p.631.

O grupo de convidados(as) da IV Jornada de Gênero e Sexualidade reuniu pesquisadores(as), artistas, professores(as) e militantes vinculados às pautas das identidades de gênero e da sexualidade. Os(as) convidado(as) artistas e suas respectivas áreas de atuação foram: Lilith Prexeva (arte *drag*), Ü Von Haus (música), Alexys Agosto (música), Armr'Ore (*slam*), Luna de Cortes (*slam*), Ewerton Corrêa (performance) e professora Kelly Sabino (cinema). Integrei o grupo de convidados(as) artistas para abordar as danças que possuem matrizes LGBTQ+. Os convidados(as) que realizaram outras abordagens nas turmas foram: Lux Machado, Ferícia, Mari Costa, Coletiva Xica Manicongo, professor Ernani, Transceda, Mari Mary e Lucas Abe.

A IV Jornada de Gênero e Sexualidade teve uma boa repercussão entre as turmas, mesmo no formato online, já que existe um esgotamento das atividades virtuais em meio à pandemia. Será analisada aqui as reverberações ocasionadas pelo evento, mas vou ater-me às atividades que presenciei e às atividades que recebi retornos das pessoas envolvidas.

Realizei uma atividade na IV Jornada de Gênero e Sexualidade ao lado de Nathalia Barreto para os 2º anos do Ensino Médio. O material disparador da conversa foi uma cena do filme *Clímax*⁵², do diretor Gaspar Noé, obra que apresenta múltiplos estilos de dança, dentre eles as danças que possuem matrizes LGBTQ+, como o *voguing*, o *waacking*⁵³ e o *stiletto*⁵⁴.

Uma das dificuldades ao realizar as atividades com as turmas é a pouca participação dos estudantes que se reconhecem como meninos cisgêneros heterossexuais, esse fator comumente ocorre nas atividades tanto presenciais quanto virtuais. A socialização masculina está diretamente ligada a esse desinteresse, um certo não comprometimento, pelo fato da liberdade de escolha estar mais envolvida ao universo masculino, principalmente, quando falamos sobre responsabilidade afetiva, já que esse tipo de fator engloba signos mais associados às mulheres cisgêneras, como o cuidado, o afeto e a dedicação.

⁵² <https://www.youtube.com/watch?v=HwkacrlN26o>. Acesso em 7 de novembro de 2021.

⁵³ *Waacking* é um estilo de dança dos clubes de disco dos anos 70. A dança é muito associada ao *voguing* por trabalhar poses, mas sua ênfase está nos movimentos de rotação dos braços.

⁵⁴ *Stiletto* é um estilo de dança decorrente dos musicais da *Broadway*, que se popularizou nas academias e por divas pop. A base da dança está no uso dos saltos altos, que dão nome ao estilo de dança.

O *waacking*, o *voguing* e o *stiletto* são danças que contestam padrões tanto na estrutura da dança quanto padrões sociais de gênero por serem danças urbanas e pelo fato de serem criadas no antro da comunidade LGBTQ+. A abordagem dessas danças em sala de aula trabalha diretamente com a contestação da cisheteronormatividade compulsória, pois a base, a história e a execução dos passos das danças já friccionam as fronteiras do gênero.

A dança trabalha com o movimento, a forma, a sincronização, entre outros componentes, que podem ser absorvidos pela cultura e reificarem padrões estéticos normatizados, porém, as danças que possuem matrizes LGBTQ+ são dificilmente assimiladas nas questões de gênero por serem marginalizadas e carregarem em suas estruturas especificidades opostas aos códigos cisheteronormativos, por exemplo, assimilar homens cisgêneros heterossexuais usando salto alto para dançar, esse fator não é facilmente assimilado ou vendido por uma indústria cultural, pois contesta signos introjetados na definição da masculinidade.

Outra linguagem que lida diretamente com a contestação da normatividade de gênero é a performance. Acompanhei a atividade do pesquisador Ewerton Corrêa, com os 3º anos do Ensino Médio, sobre as performances *queer*, e os retornos dos(as) estudantes foram positivos e curiosos sobre as performances⁵⁵ apresentadas no encontro. O choque e a revolta foram alguns estados apresentados através do chat após os 3º anos assistirem algumas performances. A estranheza é outra sensação que tomou conta de algumas falas, porém, durante o debate surgiu a pergunta: o que é tratado como estranho na sociedade? A vulnerabilização dos corpos é algo que tornou-se comum, “como ver as pessoas comendo lixo pelas ruas”, algo mencionado durante o encontro.

A dança e a performance são artes da presença, sendo assim, exigem a corporeidade dos intérpretes. A materialidade dos corpos pode interferir na disputa de imaginário acerca das questões de gênero e da sexualidade, porém, como fazer isso no virtual? Essa foi uma questão presente nos dois encontros.

⁵⁵ Algumas das performances apresentadas no encontro.

<https://www.youtube.com/watch?v=AGXeK5Car-U>. Acesso em 7 de novembro de 2021.

https://www.youtube.com/watch?v=KOlxFGT6EKI&list=UUuLuyf3IJ8-_II8uEbDHTRQ&t=118s. Acesso em 7 de novembro de 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=ic6fOEkpiko>. Acesso em 7 de novembro de 2021.

4.2 Políticas públicas para transviar o currículo escolar

Após os onze encontros do cronograma do Encontro LGBTQIAP+ e os dois dias das atividades da IV Jornada de Gênero e Sexualidade na EAFEUSP, é possível traçar um panorama sobre a trajetória virtual das reuniões e as dificuldades encontradas no percurso. A ausência dos encontros presenciais foi uma das maiores dificuldades do processo, porém, a falta de políticas públicas relacionadas às discussões sobre as identidades de gênero e a sexualidade é um grande entrave.

A obrigatoriedade da criação de programas que discutam as pautas relacionadas às identidades de gênero e à sexualidade nas instituições de ensino é algo de extrema importância. A partir disso, as abordagens artísticas podem contribuir de forma estética, ética e crítica com as temáticas desenvolvidas em voga nas turmas, proporcionando análises minuciosas sobre o imaginário coletivo dos padrões sociais de gênero e do preconceito às sexualidades dissidentes.

Isto posto, podemos investigar como a Arte-educação poderia interferir nessa realidade e quais seriam os possíveis caminhos de ação nas escolas. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) podem apontar a importância da arte-educação no currículo escolar e suas possibilidades de intervenção pedagógica com temáticas pautadas pelas relações de gênero e sexualidade. Sobre a arte-educação e a abordagem de temas transversais no currículo escolar, os PCNs salientam:

Em conjunto com as outras áreas de conhecimento trabalhadas na escola, na área de Arte pode-se problematizar situações em que os alunos tenham oportunidade de perceber a multiplicidade de pensamentos, ações, atitudes, valores e princípios relacionados, à ética; meio ambiente; orientação sexual; saúde; trabalho, consumo e cidadania; comunicação e tecnologia informacional; pluralidade cultural, além de outros temas locais definidos na organização escolar (BRASIL, 1998, p. 38).

No trecho supracitado, os PCNs mencionam a importância de se problematizar situações relacionadas à orientação sexual com o intuito de perceber “a multiplicidade de pensamentos, ações, atitudes, valores e princípios”. Desse

modo, é possível compreender que a arte-educação pode ajudar crianças e jovens a refletir sobre a construção das identidades, os papéis sociais de gênero, as orientações sexuais, as violências estruturais, os preconceitos, entre outras especificidades.

Uma iniciativa que buscou contribuir com essas medidas no século XXI foi a proposta Escola sem Homofobia, projeto não governamental criado para integrar o Programa Brasil sem Homofobia do governo federal brasileiro. O projeto possui muitas indicações de filmes e suas dinâmicas conseguem ser flexíveis às abordagens de outras linguagens artísticas. Os objetivos apresentados pelo Escola sem Homofobia são:

- Alterar concepções didáticas, pedagógicas e curriculares, rotinas escolares e formas de convívio social que funcionam para manter dispositivos pedagógicos de gênero e sexualidade que alimentam a homofobia.
- Promover reflexões, interpretações, análises e críticas acerca de algumas noções que frequentemente habitam a escola com tal “naturalidade” ou que se naturalizam de tal modo que se tornam quase imperceptíveis, no que se refere não apenas aos conteúdos disciplinares como às interações cotidianas que ocorrem nessa instituição.
- Desenvolver a criticidade juvenil com relação a posturas e atos que transgridam o artigo V do Estatuto da Criança e do Adolescente, segundo o qual: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.
- Divulgar e estimular o respeito aos direitos humanos e às leis contra a discriminação em seus diversos âmbitos (BRASIL, 2004, p. 11-12).

Vale ressaltar que a proposta Escola sem Homofobia foi atacada e negada por grupos fundamentalistas e que, durante as eleições de 2018, foi criada uma *fake news* chamando o projeto de “kit gay”⁵⁶, acontecimento que viralizou nas mídias sociais. Como vimos nos capítulos anteriores, a comunidade LGBTQ+ ainda sofre com os estigmas da pandemia do HIV, entre outros estigmas patologizantes, como o “homossexualismo” (*homosexuality* em inglês), termo usado para patologizar a

⁵⁶ <https://theintercept.com/2018/12/11/kit-gay-damara-alves/>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

homossexualidade, que foi retirado da segunda edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-II)⁵⁷, em 1973, após uma pressão realizada por ativistas sobre a Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association*, APA). Porém, deixou de constar nos registros do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III)⁵⁸ apenas em 1980, véspera do momento histórico em que a epidemia ocasionada pelo vírus HIV despertou e logo foi caracterizada como “câncer gay”.

A transexualidade, por sua vez, foi incluída no DSM-III como “transexualismo” (*transsexualism* em inglês)⁵⁹, termo que foi revisto no DSM-IV e que passou a se chamar “transtorno de identidade de gênero” (*gender identity disorder* em inglês)⁶⁰. Após muitas revisões do DSM-IV, problematizadas pelo movimento de luta *Stop Trans Pathologization*⁶¹ ao redor do mundo, o termo que consta no DSM-V, atualmente, é “disforia de gênero” (*gender dysphoria* em inglês)⁶². Além dos quadros clínicos apresentados pelo DSM, a homossexualidade e a transexualidade também foram inclusas na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), dispositivo desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁶³. A OMS retirou a homossexualidade do CID no dia 17 de maio de 1990 e, após 28 anos, a transexualidade foi retirada no dia 18 de junho de 2018⁶⁴.

A obrigatoriedade de políticas públicas que discutam a história desses estigmas nas instituições de ensino é fundamental para romper com o legado de vulnerabilização social que se abate sobre a comunidade LGBTQ+. Um possível caminho para transviar o currículo escolar e torná-lo menos excludente e menos reificante.

⁵⁷ AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* – DSM. 2 ed. Washington D/C, 1968.

⁵⁸ AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM. 3 ed. Washington D/C, 1980.

⁵⁹ Ibid

⁶⁰ AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM. 4 ed. Washington D/C, 1994.

⁶¹ <https://tgeu.org/> Acesso em 20 de junho de 2021.

⁶² AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM. 5 ed. Washington D/C, 2013.

⁶³ <https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

⁶⁴ <https://unaid.org.br/2018/06/oms-anuncia-retirada-dos-transtornos-de-identidade-de-genero-de-lista-de-saude-mental/>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A TRAVESSIA CONTINUA

“Explicar as categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder, supõe uma forma de investigação crítica...”

Judith Butler⁶⁵

O processo desenvolvido em colaboração com o Programa Gênero e Sexualidade da Escola de Aplicação da FEUSP apresentado nesta escrita atravessou três meses de duração, porém, minha trajetória pela EAFEUSP completou três anos. As atividades do cronograma do Encontro LGBTQIAP+ continuam em desenvolvimento na escola, seguindo o formato virtual, mesmo com o retorno das atividades presenciais.

As discussões sobre os papéis sociais de gênero e as orientações afetivo-sexuais nas escolas são tratadas como tabu em muitos lugares do país. Essas discussões realizadas por meio da arte-educação são ainda mais frágeis, já que são áreas distintas, mas que podem agir de forma conjunta no currículo escolar, dependendo das propostas pedagógicas das instituições de ensino e dos(as) docentes.

A reflexão sobre a construção das nossas identidades se faz necessária para compreendermos as violências estruturais de gênero, os padrões normativos da sexualidade e os comportamentos sociais preconceituosos. Nosso país foi colonizado e esse fator acarreta uma certa busca por uma “identidade brasileira” que não acontece, já que muitos conflitos decorrem do período colonial e muitas das desigualdades sociais perduram.

As identidades de gênero e as orientações afetivo-sexuais também sofrem a interferência dessas marcas, sendo assim existe uma tentativa frustrada de atribuir ficções aos corpos, como “a mulher brasileira ideal” ou “o homem brasileiro ideal”, fazendo com que tudo que foge dos moldes padronizados seja eliminado. A internet, atualmente, amplifica esse fator nas redes sociais, fazendo com que vários(as) jovens recorram às cirurgias plásticas para transformar seus corpos.

⁶⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 9.

Para o sociólogo Stuart Hall, o conjunto de ações repetidas no interior de uma cultura gerará um discurso que, dependendo da proporção, pode organizar e influenciar nossas concepções de identidade. Em outras palavras, o Estado pode criar narrativas sobre a cultura de uma nação e esta pode determinar nossas maneiras de ser (Hall, 2006, p. 50).

Foucault, por sua vez, sinaliza que nossas ações repetidas dentro dos espaços sociais são vigiadas e controladas por meio da disciplina, esta adotada por determinada instituição. Sendo assim, nossas concepções de identidade estariam sujeitas a seguir determinado modelo preestabelecido de padrão de comportamento. Sobre a vigilância e o controle dos espaços, Foucault comenta a estrutura arquitetônica do panóptico:

Basta então colocar um vigia na torre central e, em cada cela, encerrar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um aluno. Pelo efeito da contraluz, podem ver-se a partir da torre, recortando-se exatamente contra a luz, pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Cada cela é um pequeno teatro, onde cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver constantemente e reconhecer de imediato (Foucault, 2013, p. 300).

Isto posto, podemos compreender que nosso processo de identificação enquanto cidadãos decorre dos discursos formados no antro de uma cultura, da vigilância e controle de um Estado e que esses discursos são passados de geração em geração. Judith Butler, também dirá que esses discursos se efetivam através de repetições, como havíamos visto anteriormente com os outros autores, porém, Butler ressalta que a inscrição desses discursos só se efetiva em sua aplicação no corpo:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de

que a essência ou a identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (Butler, 2016, p. 235).

Na mesma direção, o filósofo Paul B. Preciado interpreta o corpo como uma dramaturgia que precisa ser reescrita diariamente, como uma arquitetura que precisa se destruir e reconstruir para significar algo. Preciado também aponta o conceito de heterossexualidade como algo fundante e determinante nesses processos de inscrição e reinscrição corporais:

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (Preciado, 2017, p. 26).

A partir disso, podemos ter uma noção da complexidade envolvida na abordagem da educação sexual nas escolas e pensar na importância de se criar novas possibilidades pedagógicas para questões atuais e futuras. Analisar medidas que interfiram no mapa da violência que mantém o Brasil como o país que mais mata pessoas LGBTI+ no mundo⁶⁶, viabilizar reflexões sobre a razão do genocídio da população trans continuar, enquanto a palavra travesti continua a ser uma das palavras mais procuradas nas maiores plataformas online de pornografia⁶⁷, e investigar novos materiais que discutam abertamente questões LGBTI+ de forma crítica no currículo escolar⁶⁸.

O Brasil é um país que ainda não superou as desigualdades sociais advindas de acontecimentos históricos, como a colonização e a escravidão, e que possui uma democracia frágil após um longo tempo de ditadura militar. Como pudemos

⁶⁶ <https://antrabrasil.org/> Acesso em 10 de novembro de 2021.

⁶⁷ <https://pt.pornhub.com/> ; <https://www.xvideos.com/> Acesso em 10 de novembro de 2021.

⁶⁸ BRASIL. *Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília, 2004.

acompanhar nos capítulos desta escrita, esses marcos históricos atravessam os corpos, as identidades e as sexualidades dissidentes com violências específicas, sendo assim, é importante pensar em ações efetivas.

A reflexão sobre os atos preconceituosos naturalizados dentro dos espaços escolares deve acontecer de forma crítica. A arte-educação deve contribuir com essa criticidade ao trabalhar diferentes linguagens artísticas em sala de aula. Fomentar reflexões sobre a construção das identidades das crianças e dos jovens atualmente é um possível caminho para iniciar esse processo de investigação.

As aulas de teatro, música, dança, artes visuais, circo, cinema, performance, entre outras linguagens artísticas nos propiciam uma pesquisa pelos campos das disputas de imaginário. A partir da reflexão sobre os elementos constituintes das obras artísticas podemos traçar paralelos com a construção das nossas próprias subjetividades e criar maneiras de intervir, de deslocar e de ressignificar nossas identidades.

A escola contribui para moldar nossas identidades durante o período da infância e da juventude por meio da disciplina. As aulas de artes também contribuem para essa criação. O que pode ser realizado é a análise crítica dos fatores e fomentar espaços que favoreçam a criação de novas perspectivas sobre as identidades de gênero, as orientações afetivo-sexuais e o combate ao preconceito.

O trabalho desenvolvido no Encontro LGBTQIAP+ e na IV Jornada de Gênero e Sexualidade através do Programa Gênero e Sexualidade na Escola de Aplicação da FEUSP, aqui apresentado pode contribuir com os caminhos pedagógicos do fazer artístico em sala de aula para promover uma disputa de imaginário, tornando os métodos de ensino mais plurais, minimizando as violências e contribuindo para que as travessias dos corpos dissidentes pela vida continuem.

BIBLIOGRAFIA

Livros e periódicos

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejam todos feministas*. Tradução: Cristina Baum. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

_____. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

AIDS. UNGASS Metas. Resposta brasileira - HIV/AIDS 2001- 2005. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM. 1 ed. Washington D/C, 1952.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM. 2 ed. Washington D/C, 1968.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM. 3 ed. Washington D/C, 1980.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM. 4 ed. Washington D/C, 1994.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM. 5 ed. Washington D/C, 2013.

BRASIL. *Brasil sem Homofobia*: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília : MEC/SEF, 1998

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. *Corpos que importam*. Tradução: Verônica Daminelli, Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

BUTTERMAN, Steven. *Invisibilidade vigilante: representações midiáticas da maior parada gay do planeta*. Tradução: Lúcia Leão. São Paulo: nVersos, 2012.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Tradução: Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FARIA, João Roberto (dir). *História do teatro brasileiro*. Volume I: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2012.

FARIA, João Roberto (dir). *História do teatro brasileiro*. Volume II: do modernismo às tendências contemporâneas. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013.

FOGG, Marnie (ed. ger.). *Tudo sobre moda*. Tradução: Débora Chaves, Fernanda Abreu, Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11ª ed. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2020.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2020.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel; GROS, Frédéric. *História da sexualidade IV: as confissões da carne*. Tradução: Heliana de Barros Conde Rodrigues; Vera Maria Portocarrera. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11ª ed - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NAPHY, William. *Born to be Gay: história da homossexualidade*. Tradução: Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, LDA, 2006.

NERY, João W. *Viagem solitária*: memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

_____. *Testo Junkie*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. Tradução: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. 5ªed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4ª ed, rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Projetos de lei

BRASIL/MEC. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1961. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm Acesso em 20/06/2021

BRASIL/MEC. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1971. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm

Sites

<https://grupogaydabahia.com.br/>

<https://jotamombaca.com/>

<https://www.unaids.org/en>

<https://tgeu.org/>

<https://antrabrasil.org>

<https://pt.pornhub.com>

<https://www.xvideos.com/>